

O Ministério da Cultura e o
Instituto Cultural de São Lourenço apresentam:

HISTÓRIA, TRADIÇÃO E MEMÓRIA DA CULTURA GAÚCHA em São Lourenço do Oeste



CARTILHA DIDÁTICA

São Lourenço do Oeste, 2023.



Lei de Incentivo à
CULTURA

PROPONENTE:



APOIO:



PATROCÍNIO:

TÉVERE
FORTE EM AÇO



REALIZAÇÃO:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



O Ministério da Cultura apresenta:

HISTÓRIA, TRADIÇÃO E MEMÓRIA DA CULTURA GAÚCHA EM SÃO LOURENÇO DO OESTE

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação editorial:
Instituto Cultural de São Lourenço

Pesquisa:
Catavento Produção Cultural
BSK Filmes

Produção de texto:
Daiane Frigo

Edição, Revisão, Projeto Gráfico:
Arcoires Produções

Impressão:
AS Indústria Gráfica

Distribuição gratuita
Venda proibida

FICHA CATALOGRÁFICA

F912h Frigo, Daiane
História, tradição e memória da cultura gaúcha em São Lourenço do Oeste / Daiane Frigo. – São Lourenço do oeste: Instituto Cultural de São Lourenço, 2023.
36 p.: il. color.

1. Movimento tradicionalista gaúcho do Estado de Santa Catarina. 2. Gaúchos – Usos e costumes – Santa Catarina. 3. Gaúchos – Identidade étnica. I. Título.

2023_0236

CDD 981.65 (Edição 23)

Sumário

1. Apresentação	05
2. Região e história regional	07
3. Gaúchos em São Lourenço do Oeste	11
4. Manifestações da cultura gaúcha	19
5. Considerações finais	32
6. Referências	34



1. Apresentação



Benjamin Consoli, popular tio Beja.
Acervo: Família Consoli.

Buenas!

***Se aproxegue, puxe um banco
e tome uma cuia.***

***Te convido pra roda de mate,
Pra ouvir os causos
acontecidos em tempos idos,
Relembrando as tradições,
Revivendo a sina da gauchada
por estes pagos.***

A narrativa que apresento vai trazer alguns aspectos da origem, da história e da preservação das tradições gaúchas no município de São Lourenço do Oeste. Esse conteúdo foi pensado com a intenção de registrar, preservar e difundir essa tradição cultural, como um dos produtos resultantes do projeto “História, tradição e memória da cultura gaúcha em São Lourenço do Oeste”, proposto pelo Instituto Cultural de São Lourenço, instituição que tem entre seus objetivos contribuir com a salvaguarda do patrimônio cultural local e regional.

Os causos contados nesta cartilha não foram escritos solitos, contaram com a contribuição de prendas e peões lourencianos, que trazem nas raízes os costumes do Rio Grande do Sul, herança repassada pelos antepassados e continuada pelos guris e gurias deste tempo.

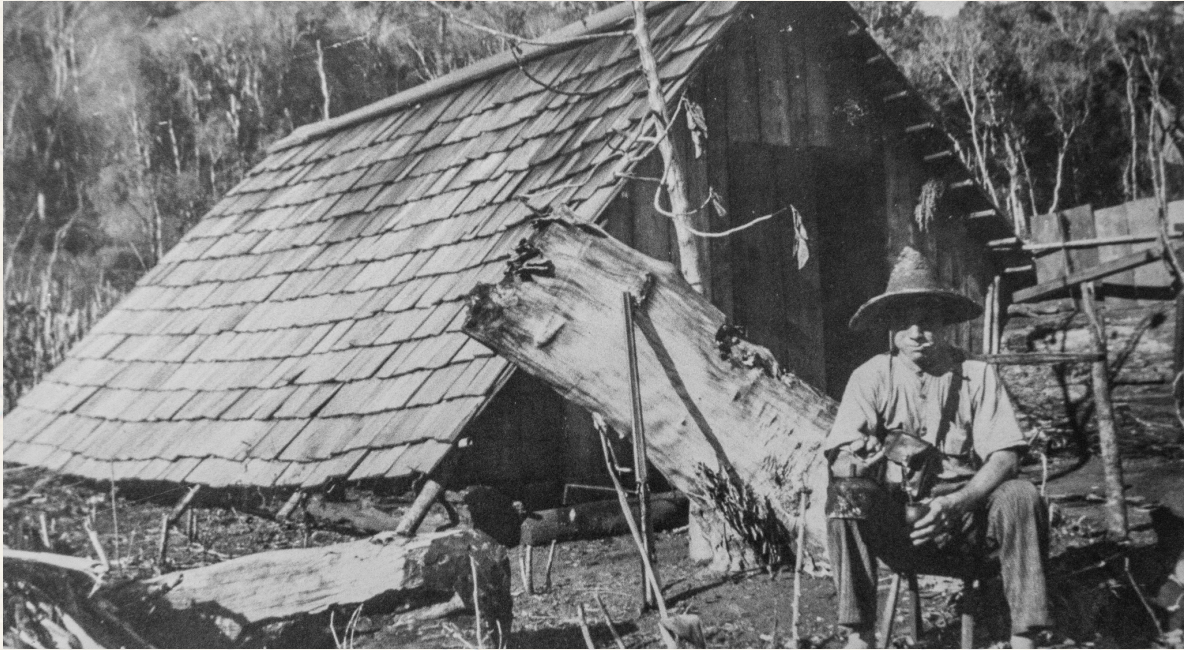
Aproveitando o ensejo, fica aqui o agradecimento a: Nelio Elio Goldoni e sua esposa Marta Dalla Costa Goldoni, sócios-fundadores do CTG. Dirceu Paulo Rotta, atual patrão da entidade. Gilberto Bordignon, ex-patrão do CTG e a esposa Claudete Moschen Bordignon, filha do primeiro patrão da entidade. Leila Inês Franz Coelho, coordenadora da Invernada Artística. Flávia Thaís Leal Batistella e Matheus Togni Spiecker, instrutores de danças tradicionais. Eduardo Berkenbroch, ex-posteiro da Invernada Artística. João David Folador, advogado, historiador e escritor lourenciano.

Buscando atender todos os públicos, este material pode ser acessado por meio de audiodescrição, uma medida de acessibilidade pensada para difundir ainda mais este conteúdo. Conheça ainda a produção audiovisual e os painéis explicativos acessando os QR Codes no verso da cartilha.

***Aproveite os causos,
Sopre a notícia aos quatro cantos do rincão,
Leve este material para a querência,
Proseie na roda de mate,
Floreie outros causos que aqui não se contaram,
Fale sobre a cultura gaúcha e a deixe viver,
Nas palavras, na memória, no cultivar da tradição!***



2. Região e história regional



Acervo: Museu Padre Fernando Nagel de Maravilha.

Desde o início da ocupação humana no Sul do Brasil, que compreende Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as riquezas naturais, o clima e a diversidade da paisagem foram elementos importantes para atrair grupos de indivíduos para a região. No território que compreende a região Oeste de Santa Catarina, a Bacia do Prata, uma das maiores reservas de água doce do mundo, o clima subtropical, a vegetação, em sua maior parte Floresta Ombrófila Mista e a diversidade da fauna, se somaram como elementos importantes para sobrevivência e sustentabilidade dos grupos humanos a povoar o território.

O povoamento da região Sul, assim como de todo Brasil é construído a partir do encontro de grupos humanos de diferentes culturas e expressões: povos indígenas, caboclos, europeus e seus descendentes, além de muitos outros povos e culturas que se integraram para formar a nação brasileira em sua ampla diversidade.

As pesquisas de D'Angelis (2006, p. 274) sobre o povoamento do território catarinense, em sua porção Oeste, apontam dados históricos sobre a presença de populações indígenas, ao longo do século XVIII, “desde Campo Erê até os campos de Caçador”, além de grupos ao longo da margem direita do rio Uruguai. Durante o período imperial, o avanço da bandeira portuguesa levou à ocupação dos Campos de Guarapuava e de Palmas, entre 1808 e 1851, seguida da abertura das rotas tropeiras entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, uma delas o Caminho de Palmas ou das Missões. Estes eventos contribuíram para o povoamento da região e contato de diferentes grupos.

Se inicialmente o vasto sertão assustava, com o tempo foi se tornando local privilegiado para expansão econômica e sustentabilidade das famílias, numerosas e com muitos filhos, característica da formação social e colonização na região Sul do país.



Rancho do agrimensor Ernesto Beuter, década de 1940.
Acervo: Câmara de Vereadores de São Lourenço do Oeste

SERTÃO: O termo *sertão*, empregado como sinônimo de interior, (AMADO, 1995) era utilizado até meados do século XX para se referir a territórios escassamente povoados, como é o caso da região que hoje compreendemos como Oeste catarinense.

**Tu sabias
disso, tchê?!**



Em vermelho, a mesorregião oeste catarinense. Imagem: Wikipedia.

OESTE CATARINENSE: Conforme divisão microrregional do Brasil, definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a mesorregião Oeste catarinense é uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina. Formada pela união de 118 municípios agrupados em cinco microrregiões, sendo elas São Miguel do Oeste, Chapecó, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba.

Entre o início e meados do século XX, a região Oeste de Santa Catarina, passou a ser vislumbrada como um espaço em potencial para prosperar e garantir a continuidade das famílias gaúchas, especialmente da região Noroeste do Rio Grande do Sul. Com terras férteis e de valores acessíveis, o Oeste de Santa Catarina tornou-se um espaço atrativo para migrantes italianos, alemães, poloneses, além de grupos de outras etnias, instalados nas colônias gaúchas que com o passar dos anos haviam se tornado escassas para seus descendentes.

“Na época, no Rio Grande do Sul as famílias tinham bastante filhos e quando casavam, os pais conseguiam comprar terras em Santa Catarina ou no Paraná porque era mais barata e foi o que aconteceu com o meu avô. Ele veio comprar terra pra que os filhos se fixassem aqui e o meu pai, que era o filho mais velho da família, ele veio morar nessa região há 57 anos atrás” (Gilberto Bordignon).



Roda de mate durante desfile de Sete de Setembro. Acervo: Família Consoli.

A partir de 1920 e mais intensamente a partir de 1940, descendentes de europeus que viviam no Rio Grande do Sul, passam a adquirir terras e migrar para a região Oeste catarinense, e é neste cenário que temos a cultura gaúcha se expandindo para novas terras, como São Lourenço do Oeste.

Bah, olha só que tri!



“Eternos migrantes: em busca da terra prometida”

ETERNOS MIGRANTES: Na última década, o Brasil tem sido, novamente, uma país de imigração. Semelhante ao que ocorreu no século XIX e início do XX, dirigem-se para cá enormes contingentes populacionais, agora não mais predominantemente de países europeus, mas, principalmente latinos. Você pode conhecer mais sobre este assunto na obra “Eternos migrantes: em busca da terra prometida”, organizada por José Carlos Radin e Isabel Rosa Gritti, disponível para empréstimo na Biblioteca Pública Municipal Santos Dumont.



PRA TI SABER MAIS!

Você já ouviu falar sobre imigração, emigração e migração? O termo **imigração** é utilizado para se referir a entrada de pessoas em um país estrangeiro. Já **emigração** significa o movimento de saída de pessoas de um país para morar em outro. **Migração** também significa um movimento, mas pode ser utilizado para mudanças entre regiões. Que tal pesquisar com as pessoas do seu convívio ou da sua cidade para saber se elas nasceram em São Lourenço do Oeste, se vieram de outra região ou de outro país?

3. Gaúchos em São Lourenço do Oeste

São Lourenço do Oeste é um município situado no Noroeste de Santa Catarina, integrando o grande Oeste catarinense. Na divisa com o Estado do Paraná, situa-se na faixa de fronteira brasileira, há pouco mais de 100 quilômetros da Argentina. A área territorial do município é de 361,77 Km², com uma altitude média de 895 metros acima do nível do mar. Suas divisas são ao norte o estado do Paraná, ao Sul os municípios de Formosa do Sul e Irati, a Oeste os municípios de São Bernardino, Campo Erê e Saltinho e a Leste os municípios de Jupiá e Novo Horizonte.

A população é estimada em 24.501 pessoas (IBGE, 2021), distribuída na zona urbana, entre os bairros Brasília, Centro, Cruzeiro, Perpétuo Socorro, Progresso, Santa Catarina e São Francisco. A área rural é composta por três distritos: São Roque, Frederico Wastner e Presidente Juscelino, cada qual com diversas comunidades.

A ORIGEM DO NOME DO MUNICÍPIO:

Informações de historiadores locais indicam que um grupo de tropeiros que cruzava a região, certa vez, em uma das expedições, fez parada às margens da atual comunidade de Frederico Wastner e por ser dia de São Lourenço, assim denominaram a pousada. Ao longo dos anos, novos moradores se estabeleceram nas proximidades, formando um lugarejo que levou as denominações “Catanduva” e “Bracatinga”, devido à presença de vegetação deste mesmo nome. Com o passar do tempo, o nome São Lourenço prevaleceu e a designação “do Oeste” foi acrescida posteriormente.



São Lourenço do Oeste, 1958-1959.
Acervo: Câmara de Vereadores de São Lourenço do Oeste.



Rancho do agrimensor Ernesto Beuter, década de 1940.
Acervo: Câmara de Vereadores de São Lourenço do Oeste.

O município teve seu processo de colonização iniciado na década de 1940, mediante o interesse de empresários da região de Chapecó, que criaram a Empresa Colonizadora Industrial Saudades Ltda. A partir da propaganda dos vendedores de terra da Colonizadora, famílias de descendentes de italianos e alemães, vindos de diversas partes de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Paraná, adquirem terras e passam a residir na região. Nesse processo de colonização, a figura do migrante gaúcho tem destaque, por trazer costumes e práticas marcantes para o contexto da época e ainda presentes na atualidade.



Acervo: ICSL/Arcoires Produções.

Nelio Goldoni, natural de Anta Gorda/RS, migrou no ano de 1976, com a esposa Marta, para Clevelândia/PR, para atuar como Técnico em Contabilidade. Em 1981 recebeu convite para trabalhar na Firma Libardoni e mudou-se para São Lourenço do Oeste. Conforme relata, *“tinha muitas famílias gaúchas aqui e aí a gente se identificou com facilidade”*.

QUER SABER MAIS SOBRE A HISTÓRIA DE SÃO LOURENÇO DO OESTE!?

Visite no Museu Lourenciano – Comercindo Pederssetti a exposição “Tempo e memória: fragmentos da história de São Lourenço do Oeste (1949-1972)”. Acesse o site do Instituto Cultural e saiba mais: <http://icsl.saoulourenco.sc.gov.br/museu>.





Acervo: ICSL/Arcoires Produções.

“GAÚCHOS EM SANTA CATARINA E PARANÁ”, obra do escritor lourenciano João David Folador, reúne informações sobre a história catarinense, história regional e a presença dos gaúchos pelos estados sul brasileiros com seus costumes e tradições.

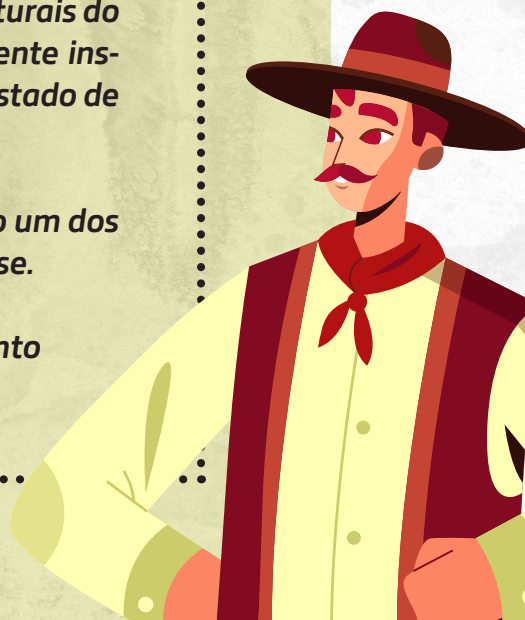
Conforme relata o escritor, “*como o principal local de migração dos gaúchos foi para Santa Catarina e Paraná, eu me situei nesses estados em que a população veio para exercer o mesmo tipo de atividade que exerciam lá no Rio Grande do Sul. O gaúcho que tinha aqui era da pequena propriedade*”.

Com a vinda dos gaúchos para a região são criados os CTGs e o culto às tradições gaúchas passa a ser manifestado por meio dos RODEIOS, em sua grande maioria, **rodeios crioulos**, com provas campeiras, tendo o “tiro de laço” como modalidade mais praticada nessa região. Existem ainda **rodeios artísticos**, que apresentam as danças tradicionais em diversas modalidades.

A Lei Estadual n. 17.565/2018, que trata sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina, reconhece oficialmente, como componentes da cultura popular catarinense:

- *A INDUMENTÁRIA TRADICIONAL DA CULTURA GAÚCHA e de todas as outras formas étnico-culturais do Estado, de ambos os sexos, ficam oficialmente instituídas como traje de honra ou social no Estado de Santa Catarina.*
- *O RODEIO, reconhecido oficialmente como um dos componentes da cultura popular catarinense.*
- *As FESTIVIDADES realizadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina.*

**Bah,
olha só
que tri!**



Por volta de 1975, ainda sem um CTG no município de São Lourenço do Oeste, algumas pessoas participavam de bailes, eventos e outras atividades tradicionalistas em CTGs da região. A família de Jacir Moschen, frequentava o CTG Carreteando a Saudade, no município de Pato Branco/PR, de onde veio o incentivo para a formação de um Centro em São Lourenço do Oeste.



Jacir Moschen. Acervo: Família Moschen.

**“O maior incentivador da formação do CTG em São Lourenço do Oeste foi o Jacir Moschen. Ele reuniu uma série de amigos e lançou a ideia”
(Nelio Elio Goldoni).**

**“Com sete anos, eu e a minha irmã já participávamos junto com os nossos pais nos bailes no CTG Carreteando a Saudade em Pato Branco. Tinha um amigo do meu pai que se chamava Benjamin Consoli, tio Beja, ele sempre convidava o meu pai para participar e ele dizia - Moschen, temos que construir um galpão lá em São Lourenço, tem tanta gente que gosta da tradição gaúcha. E o tio Beja foi pondo uma sementinha. Aí começou o meu pai, o seu Aristides De Conto, o tio Nélio, os Cardoso, enfim uma equipe muito grande começou a fazer reunião lá em casa. Meu pai trazia os irmãos Rigo, tocavam gaita, assavam um leitão no forno e nós fazíamos uma dança no porão da casa e depois tinha o momento da conversa sobre o CTG. Ninguém queria ser patrão no início, até que meu pai concordou em ser o primeiro patrão e o seu Aristides De Conto o vice”
(Claudete Moschen Bordignon, filha de Jacir Moschen).**

O **Centro de Tradições Gaúchas Amizade sem Fronteiras** foi fundado oficialmente em 30 de agosto de 1983, para cultivar as práticas e manter vivo o folclore, a cultura e a tradição gaúcha no município. Local onde se trabalha em conjunto, se prega o respeito e a convivência fraterna entre as famílias. Há um calendário anual de atividades que resgatam as tradições, entre elas o rodeio crioulo, almoços e jantares com pratos típicos, danças, bailes, o acampamento farroupilha e outras atividades.



Acervo: ICSL/Arcoires Produções.



Lançamento do cepo fundamental da sede do CTG. Acervo: Família Consoli.

“Para a escolha do nome, Aristides De Conto lançou um concurso através da rádio local, a **Doze de Maio**, que foi a incentivadora do CTG, escolheram tantos nomes, depois uma comissão foi definindo e ficou CTG Amizade sem Fronteiras” (Nelio Elio Goldoni).

Hora da cuia: um parceiro na hora do mate amargo! ←

Programa da Rádio Doze de Maio (AM 630), exibido há mais de trinta anos, no horário das onze ao meio-dia, com anúncios, músicas e informações.

“Com relação ao Hora da Cuia, eu apresentei esse programa... de maio de 1993 até dezembro de 2021... Quando eu comecei, o programa era misto, tocava música sertaneja e gaúcha e eu pedi pra direção que o programa fosse iminente-mente gaúcho, porque eu comecei a estudar sobre a cultura gaúcha, na época a gente tinha que comprar livros... Então eu comecei a falar num estilo mais gauchesco... e trazer curiosidades sobre a cultura gaúcha, traduzindo palavras, sempre fazendo um verso gaúcho de abertura... Em 1º janeiro de 1994 eu criei o programa Rio Grande Nativo... com o propósito de divulgar a tradição... música, poesia, tradução de palavras, o causo, um dedo de prosa com a cultura gaúcha que falava sobre um tema... as pessoas se reuniam, ficavam em casa tomando chimarrão, muita gente dizia até que gostava de ouvir porque dançava... A gente conseguia tanto no “Hora da Cuia” quanto no “Rio Grande Nativo”, enaltecer a cultura gaúcha da cidade” (José Carlos Krumenaur).



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.



Acervo: Família Consoli.

“Antes de construir essa sede que temos no CTG, a patronagem da época construiu um galpão redondo, coberto de capim, pra ter um ambiente para fazer as reuniões... foi chamado de **Chaleira Preta**” (Gilberto Bordignon).



Acervo: ICSL/Arcoires Produções.

“O baile de inauguração foi o Adelar Bertussi que tocou. Pra essa inauguração tinha o Concurso da Primeira Prenda do CTG, e eu era uma das prendas que estava participando. Naquela época a gente tinha que vender os números de rifa, quem vendia mais era a primeira prenda. Eu fiquei a Primeira Prenda do CTG” (Claudete Moschen Bordignon).



Missa nas futuras instalações do CTG. Acervo: Família Consoli.



Missa crioula

Programação realizada durante as comemorações do Padroeiro São Lourenço Mártir, celebrado em 10 de agosto. A missa é realizada no galpão do CTG Amizade sem Fronteiras e, logo após, a comunidade segue em procissão até a Igreja Matriz para benção dos veículos.

Na organização do CTG existe uma diretoria, chamada de patronagem, e dois setores, chamados Invernada Campeira e Invernada Artística.

A **Invernada Campeira** reúne peões e prendas para atividades que remetem ao trabalho do gaúcho no campo. Na companhia do cavalo, em uma cancha são feitas provas como tiro de laço, laço da vaca parada e gineteada.



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.



Invernada Artística do CTG Amizade sem Fronteiras no XXIV FECART.
Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

A **Invernada Artística** tem como objetivo preservar e recordar a cultura e as tradições gaúchas, promover a sociabilidade das famílias em ações e eventos que zelam pela preservação das lendas, canções e danças do folclore tradicionalista gaúcho. Entre as atividades desenvolvidas estão: a dança tradicional – estilo Paixão Côrtes e os segmentos individuais nas áreas de poesia, versos e música.

“No estilo Paixão Côrtes, cada peão e cada prenda usa uma pilcha diferente da outra, porque cada indivíduo tem sua particularidade. Cada categoria tem uma cor distinta para ser usada, no comprimento do vestido também a gente identifica a categoria que faz parte. Já no estilo Enart, as pilchas são todas iguais, então visualmente tem essa distinção” (Flávia Thaís Leal Batistella).



Invernada Artística do CTG Amizade sem Fronteiras no XXIV FECART.
Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

4. Manifestações da cultura gaúcha

“Gaúcho nós podemos dizer que são as pessoas que cultuam a tradição, não há necessidade de ter nascido no Rio Grande do Sul pra ser gaúcho, basta você gostar dos costumes e se engajar nesse grupo” (Gilberto Bordignon).

O termo “GAÚCHO” amplamente conhecido, por todo o Brasil, refere-se as pessoas que nascem no estado do Rio Grande do Sul, seus descendentes e estende-se a todos aqueles que de alguma forma, cultuam a tradição ou tem identificação com algum símbolo desta cultura, como diz o poeta Cleber Martins *“ser Gaúcho não é opção geográfica, é filosofia de vida”*, filosofia essa que é um dos alicerces da formação social do Sul do Brasil.

Porém, nem sempre esse termo carregou tais significados. Das versões que se tem descritas quanto a etimologia da palavra “gaúcho”, a que mais se tem evidências é uma expressão da tribo Quéchuá, original da região dos andes e segundo Felde (1967) seria “HUACHU”, que significa, órfão, filho de ventre indígena com forasteiro, nesse caso, das indígenas guaranis da região das missões, com portugueses e espanhóis que habitaram a região após a tomada das missões pelo reino de Portugal.

Com o fim das colônias jesuíticas no século XVIII, a região do Pampa abrigou e deu condições para a reprodução em larga escala do gado, que antes era domesticado e limitado por cercas de pedra (taipas) que demarcavam as reduções. A partir disso, o gaúcho, com habilidades únicas de laço e boleadeiras, passa a atuar na captura de gado, tropeio e venda.



Boleadeira. Imagem: Portal das Missões.

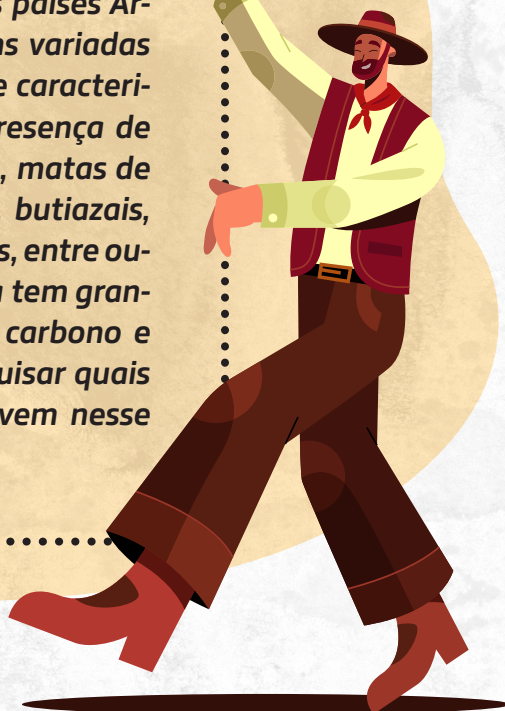
Com suas habilidades na lida campeira, surge a figura lendária do gaúcho, homem altivo, sempre no lombo de um cavalo, com seu chapéu e suas esporas a galopar. Com o surgimento das grandes estâncias na Província de São Pedro, os gaúchos passam a ser integrados às grandes fazendas como peões. O peão gaúcho começa a aprender músicas, danças, poemas, fortalecer velhos hábitos como o chimarrão em volta do fogo de chão, formar família e cultivar amizades.

“Com o passar do tempo começaram a fazer cercas no Pampa e as sesmarias de terras começaram a ser distribuídas entre os grandes produtores, e então o gaúcho passou a não ser mais chamado de gaúcho porque perdeu seu cavalo e começou a trabalhar de peão. Peão quer dizer o homem sem cavalo. Então passou a ser peão nessas estâncias e somente na Revolução Farroupilha que esses gaúchos começaram a ter de volta seus cavalos” (Matheus Togni Spiecker).

“Essas tradições vieram do Rio Grande do Sul, tanto da zona alemã, quanto da italiana, só que essas tradições, chimarrão, cantigas, churrasco, os italianos e alemães do Rio Grande do Sul aprenderam com os gaúchos da **região da campanha (Pampa)** que estavam aqui antes deles [...] então esses italianos e alemães imigrantes, assimilaram, aprenderam as tradições do Rio Grande do Sul e depois levaram pra Santa Catarina” (João David Folador).

→ **Pampa** é um bioma presente no Rio Grande do Sul. Faz parte também dos países Argentina e Uruguai. São paisagens variadas como serras, planícies, coxilhas, e caracterizam-se pelos campos nativos, presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, entre outros. Os campos do bioma Pampa tem grande importância na absorção do carbono e controle da erosão. Que tal pesquisar quais são as plantas e animais que vivem nesse bioma?

Tu sabias disso, tchê?!



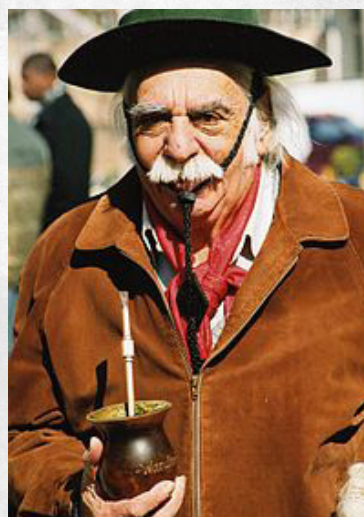
Seguindo nos trilhos da história, vamos compreender agora como surgiu a ideia do “tradicionalismo gaúcho”. Passada a Revolução Farroupilha e outras guerras que se seguiram, em 1898 João Cezimbra Jacques, considerado o patrono do tradicionalismo gaúcho, integra um clube social, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, que relembavam os grandes bailes de estâncias, utilizando trajes, com músicas e danças típicas. Esse movimento durou algum tempo e depois esmoreceu.

Então em 1947, a iniciativa desse grupo é retomada, momento no qual a sociedade brasileira vivia forte influência da americanização, devido as glórias oriundas da Segunda Guerra Mundial. Buscando retomar os hábitos locais, os costumes e as tradições, um grupo de estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, cria a primeira Ronda Crioula, iniciativa que inspirou o surgimento dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e a Semana Farroupilha. Foram pesquisadas e reconstituídas músicas, temas dos bailes, versos e elementos da indumentária primitiva gaúcha (BASTOS, 2016).

“Na Semana Farroupilha a gente reúne muitos artistas regionais, trovadores, cantores, a internada artística se apresenta, a campeira ela começa fazendo o desfile na cidade até o galpão farroupilha, trazendo o homenageado, a bandeira do tradicionalismo, do Brasil, do estado, a bandeira do CTG e a Chama Crioula que é símbolo da Semana Farroupilha. Chegando no galpão todos os rancheiros estão ali esperando chegar à Chama, e ela passa de rancho a rancho, pra que esse símbolo desperte no coração e no sangue da pessoa a continuidade do tradicionalismo” (Gilberto Bordignon).



Paixão Côrtes e companheiros com a primeira Chama Crioula.
Imagem: Linha Campeira.



Paixão Côrtes.
Imagem: Reprodução Internet.

Figura emblemática desse grupo foi João D'ávila Paixão Côrtes, que fez ressurgir as figuras do hino e da bandeira rio-grandense. Além disso junto com Barbosa Lessa, Paixão Côrtes iniciou suas pesquisas e foi para a região interiorana do estado, recolher depoimentos para o resgate da cultura, até então pouco lembrada pela sociedade. A primeira dança encontrada, foi a popular dança do “Pezinho”:

*Refrão: Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu (2x)*

*E depois não vá dizê
Que você já me esqueceu (2x)*

*Refrão: Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu (2x)*

*E no chegar deste teu corpo
Ai um abraço quero eu (2x)*

*Refrão: Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu (2x)*

*Agora que estamos juntinhos
Dá cá um abraço e um beijinho (2x)*



Invernada Artística do CTG Amizade sem Fronteiras no XXIV FECART.
Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

“A parte principal do tradicionalismo gaúcho é Paixão Côrtes, ele e Barbosa Lessa, além de serem os criadores da Ronda Crioula que foi o primeiro movimento do Grupo dos Oito, lá no Colégio Julio de Castilhos em Porto Alegre, pra que as tradições voltassem a ser exploradas e estudadas, eles também criaram esse nome de Centro de Tradições Gaúchas e assim também as diretrizes para esses locais” (Matheus Togni Spiecker).

Nos anos 70, houve uma grande expansão dos Centros de Tradições Gaúchas. Começaram a se erguer galpões em inúmeros municípios dos três estados que compõem a região Sul do Brasil, sendo assim, sentiram a necessidade de criar uma entidade que desse o aporte e conseguisse unir as ramificações do tradicionalismo.

Foi criado então o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), uma entidade comandada por um presidente eleito pelos patrões de todos os CTGs e regida pela Carta de Princípios escrita por Barbosa Lessa. O MTG até os dias atuais é quem regulamenta as atividades dos Centros de Tradições Gaúchas em seus respectivos estados federativos.

Em Santa Catarina no ano de 1973 foi fundado em Lages o MTC (Movimento Tradicionalista Catarinense), na sequência passou a denominar-se ATGES (Associação Tradicionalista Gaúcha do Estado do Santa Catarina) e apenas em 1985 passa a se chamar MTG/SC. No estado catarinense existem mais de 500 CTGs e 1500 piquetes (grupos que participam das provas campeiras e estão ligados a um CTG)¹.

¹ Saiba mais no site <https://www.mtgsc.com.br/>.

ELEMENTOS MARCANTES NA CULTURA GAÚCHA

“Um costume que é muito do gaúcho era a gente se reunir nos finais de semana e fazer uma carne, bater papo, ouvir música gaúcha, frequentar algum fandango” (Nelio Elio Goldoni).

“O culto às tradições gaúchas pra mim causa uma sensação de pertencimento ao espaço, ao local onde se vive, ao grupo. Já diz o ditado: Quem não sabe de onde vem, não sabe pra onde vai, e o culto às tradições faz com que essa sensação de pertencimento seja criada dentro do ser e isso é muito importante” (Matheus Togni Spiecker).

Dançar, cantar, florear uma gaita, tomar um chimarrão, fazer churrasco em fogo de chão, declamar trovas, esses e tantos outros elementos são marcantes na cultura gaúcha. Vamos conhecer mais!

Culinária

A culinária gaúcha é muito rica e variada. A base dos pratos costuma ter a carne (galinha, ovelha, boi e porco) como ingrediente principal, sendo adaptada conforme os recursos de cada região. O principal prato é o churrasco, tradicionalmente preparado em espetos cravados em volta do fogo de chão, ou em churrasqueiras. Outros pratos típicos são arroz carreteiro, vaca atolada, costelão e charque.



Churrasco em fogo de chão.
Acervo: Família Consoli.



Preparo do arroz carreteiro.
Acervo: Família Consoli.

“O famoso costelão no fogo de chão significa algo muito forte pro tradicionalista, o próprio cheiro da fumaça, o tempo de preparo, a cuia que vai rodando de mão em mão, uma boa prosa, acho que é isso que completa o costelão de fogo de chão” (Leila Inês Franz Coelho).



Acervo: ICSL/Arcoires Produções.

“Geralmente de manhã cedo, no final da tarde, se convida o vizinho pra tomar um mate. Muitas vezes você convida pro mate, mas o interesse é conversar sobre a plantação, sobre o fim de semana, sobre a festa que vai ter na comunidade. Além do chimarrão a gente faz o tal do carreteiro, arroz de galpão e convida os amigos, faz no sistema bem rústico e campeiro lá fora, com o costelão fogo de chão, que é uma coisa raiz do tradicionalismo” (Gilberto Bordignon).

24 DE ABRIL – DIA DO CHIMARRÃO

Bebida muito apreciada pelos gaúchos, o chimarrão faz parte do cotidiano de pessoas espalhadas por toda América Latina, mantendo vivo um legado deixado pelos índios guaranis. Seu preparo é feito a partir da infusão de erva-mate e água preparada em um porongo e sorvida por meio de uma bomba. Confira a seguir algumas dicas para o preparo:



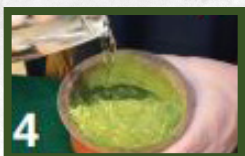
1 Coloque 2/3 da cuia de erva-mate (aproximadamente até o pescoço).



2 Tape a boca da cuia com a mão esquerda e, fazendo-se uma inclinação, joga-se toda a erva para a “metade esquerda”



3 Bata levemente na cuia, procurando fazer com que o pó desça ao fundo do porongo e os pauzinhos fiquem mais em cima.



4 Lentamente vai-se trazendo a cuia a verticalidade anterior, de modo tal que o “barranco” de erva não desmorone. Adione água morna para cevar ou inchar a erva.



5 Depois de alguns minutos, fechando a biqueira, introduza a bomba e está pronto o mate.

“A presença do chimarrão não pode faltar. Onde eu tiver a cuia tá comigo. O chimarrão é típico, o pessoal que participa aqui todo mundo gosta, aquele que não gosta vai se envolvendo e tem um momento que ele vai tá com uma cuia na mão também” (Dirceu Paulo Rotta).



Fandango

De acordo com o professor Rogerio Bastos (2018), a origem do baile gaúcho que conhecemos hoje, também chamado de fandango, remonta 1947 quando é criado o Departamento de Tradições Gaúchas, no Colégio Júlio de Castilhos, com a presença de Paixão Côrtes e outras figuras emblemáticas do tradicionalismo. A partir desse momento são realizados encontros com músicas e danças inspiradas nas tradições, tendo início os fandangos ou bailes gaúchos. Esse movimento propiciou o surgimento de conjuntos musicais para animar os bailes e grandes eventos culturais por todo o Brasil.

Sarau da Prenda Jovem ou Baile de Debutantes à Gaúcha



Escolha da primeira prenda do CTG. Acervo: Família Consoli.

“Na sociedade existe o baile de debutantes. O Sarau da Prenda Jovem no CTG é o sinônimo disso. É onde os pais apresentam a filha para sociedade. Os primeiros que aconteceram aqui no CTG tiveram muitas meninas, porque vinha gente de outros municípios participar” (Marta Dalla Costa Goldoni).

“Quando eu era pequena uma coisa que me atraía muito eram os bailes do Sarau da Prenda Jovem. Quando eu fiz 15 anos eu pedi pra minha mãe pra fazer. A gente tem uma preparação com a escolha da madrinha, das prendas, o tema da decoração, o par, a música, a valsa, isso tudo envolve muito a prenda e fez com que eu tivesse muito mais amor pela entidade e pela cultura gaúcha” (Flávia Thaís Leal Batistella).

“O pai desfilava com a filha e num determinado lugar encontrava a mãe. Daí os pais deixavam ela e se sentavam até a **hora da valsa**. A primeira era o pai que dançava, depois ela tinha um par, um padrinho que dançava a segunda música e depois a sociedade se envolvia na dança, tinha um baile” (Marta Dalla Costa Goldoni).



Acervo: Família Consoli.

Indumentária

A indumentária é um elemento fundamental para preservar os costumes, as tradições e o folclore do gaúcho. Pensando em orientar a indumentária a ser utilizada nas atividades cotidianas, apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, o Movimento Tradicionalista Gaúcho definiu em Convenção as DIRETRIZES² para a pilcha gaúcha adulta. Nas atividades campeiras e em trajes mirins são realizadas pequenas adaptações, mas a base da indumentária segue o mesmo estilo.



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

Pilcha masculina (peão): bombacha, camisa, botas, colete, cinto (guaiaca), chapéu, paletó, lenço, faixa, pala, esporas, faca.

Pilcha feminina (prenda): saia e blusa ou bata, saia e casquinho, vestido, saia de armação, bombachinha, meias, sapatos e botinhas, cabelo, maquiagem e joias.

“Antigamente não usava tanta pilcha, depois que nós adentramos na ideia da montagem do CTG, aí que a gente começou a frequentar os bailes com pilcha. A bombacha, a bota, guaiaca, lenço, chapéu, mala de garupa” (Nelio Elio Goldoni).

² Saiba mais no site <https://www.mtg.org.br/diretrizes/>.



Música

A música é mais um dos elementos de afirmação da identidade gaúcha, retratando nas letras o carinho e o orgulho do seu povo com a tradição, trazendo no palavreado e na pronúncia uma expressividade singular. O estilo musical gauchesco possui formação harmônica/melódica complexa, tornando-se difícil de ser interpretada em alguns casos, por músicos que não possuem ligação direta com a cultura.

Na cultura gaúcha ganham destaque dois movimentos distintos, mas de certa forma semelhantes: o tradicionalismo e o nativismo.

Música Tradicionalista: Apresenta variações de canções que animavam as danças de salão centro-europeias no século XIX. A valsa, a polca e a mazurca, foram adaptados para ritmos como vaneira, chamamé, milonga e rancheira.

Música Nativista: A música nativista é um dos gêneros mais representativos da identidade da região Sul. Do mesmo modo que as canções tradicionalistas, as nativistas enfatizam o amor pelas tradições, o gaúcho, o campo, o cavalo, os valores e a culinária regional. Ela é estilo mais lento e intimista, com interpretações geralmente mais intensas e dramáticas.

DECLAMAR, FAZER UMA TROVA, CANTAR DE IMPROVISO...

Tu sabe o que é isso?

Em diversas culturas existe alguma forma de expressão vocal e gestual, na qual um declamador ou trovador expressa por meio de versos um tema, de modo a emocionar e tornar real na imaginação de quem assiste e ouve cada verso do poema, cantiga ou trova.

Desafio!!!

Que tal declamar a trova estilo Gildo de Freitas, feita em homenagem a um dos maiores trovadores gaúchos!

Estilo Gildo de Freitas

Quero mostrar aos senhores,
Pra manter e preservar
Nossos principais valores,
E que esta cultura prossiga
Alegrando os apreciadores,
Que entendam nossa mensagem
Nesta singela homenagem
Ao nosso Rei dos Trovadores.

Ao nosso Rei dos Trovadores
Que fez da trova um sovéu,
Pra alma subir por ele
E não ficar vagando ao léu,
A família trovadoresca
Pra o Gildo tira o chapéu,
Deve estar feliz lá em cima
Brincando através da rima
Com os anjinhos do Céu...

Danças

Segundo Herrera e Rigo (2020) o folclorista Paixão Côrtes, em sua obra Danças e Dançares (2001), descreve que “a interpretação da dança é da maior importância e validade, pois traduz as características de uma época; a expressão da vida de uma coletividade; o desenvolvimento sociocultural de uma comunidade”. Assim, as danças são importantes como manifestação da cultura gaúcha, seja nos fandango, seja nos festivais que apresentam as danças tradicionais.



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

“No início não existiam concursos e festivais na nossa região, então a gente chama-va de Entreveros, a gente juntava as Invernadas e ia até os municípios vizinhos nos bailes. Não se concorria a premiações, existia um troféu rotativo e cada entidade ficava um período. A partir do momento que o Rio Grande do Sul começou a ter mais concursos a gente teve o interesse de participar. A gente foi atrás de um instrutor e trouxemos o estilo Paixão Cortes, que é um dos estilos campeiros de dança”
(Flávia Thaís Leal Batistella).

“Através de amigos eu comecei a participar da Invernada. A primeira dança que aprendi foi o Tatu com volta no meio, uma dança de sapateio” (Eduardo Berkenbroch).

“A dança ajuda muita a criança e o adolescente no desenvolvimento psicomotor, e traz esse sentimento de podermos comungar todos numa mesma direção”
(Matheus Togni Spiecker).



As danças tradicionais que foram pesquisadas são classificadas em quatro ciclos coreográficos: Minueto, Fandango, Contradança e Danças de pares enlaçados (HERRERA; RIGO, 2020). Veja alguns exemplos:

Queromana: Dança cerimoniosa.
Ciclo: Minueto

Tirana do Lenço: Dança executada com muita graciosidade e revestida de romantismo.
Ciclo: Fandango.

Pezinho: Caracteriza-se por ter sido a primeira dança pesquisada. De origem açoriana.
Ciclo: Contradança

Chote Carreirinho: Surgiu como uma coreografia na dança do chote nos bailes.
Ciclo: Pares enlaçados.

O universo dos festivais de dança gaúcha!

Na atualidade existem vários Festivais que tem por finalidade a divulgação e preservação de danças tradicionais. Alguns deles são: Festival Nacional da Tradição Gaúcha (FENART), Encontro de Arte e Tradição (ENART), o Festival Gaúcho de Danças Tradicionais (FEGADAN), Festival Gaúcho de Chula (FEGACHULA).

No estado catarinense o evento com maior destaque na parte artística é o Festival Catarinense de Arte e Tradição (FECART) que é realizado a cada dois anos, onde todas as modalidades coletivas e individuais são realizadas e são revelados os campeões do estado. O último FECART³ aconteceu em São Lourenço do Oeste, entre os dias 03 e 04 de setembro de 2022.

“No FECART a gente fez um trabalho muito grande pra que em cada modalidade alguém se inscrevesse, violão, gaita, declamação, dança, dança de salão, chula e assim além de estar sediando o evento a gente trouxe o troféu geral pra entidade”
(Leila Inês Franz Coelho).



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.



Acervo: CTG Amizade sem Fronteiras.

³ Saiba mais em <https://www.mtgsc.com.br/fecart-2022/>.

Atividades campeiras

No dia a dia do gaúcho as atividades campeiras são vivenciadas na “lida” no campo. O trato dos animais, cuidados com o cavalo e seus apetrechos, pastagens para os bichos e outros afazeres campeiros.

Um dos principais eventos da cultura gaúcha é o rodeio crioulo, acontecimento que envolve atividades campeiras de montaria, provas de laço, gineteadas, pealo, chasque, cura de terneiro, provas de rédeas e outras provas típicas da tradição gaúcha nas quais são avaliadas a habilidade do homem e o desempenho do animal.

Existem ainda outros esportes campeiros como jogos de carteadado, bocha e o tatarfe, que une quatro modalidades diferentes: argolas, tava (jogo do osso ou **cinco marias**), tejo (moedas) e ferradura.

Símbolo do estado do Rio Grande do Sul, condutor de tropas e tropeiros, personagem mitológico da lenda do Negrinho do Pastoreio, parceiro do laçador, figura marcante nas trovas e músicas, nas lidas campeiras, nos momentos de lazer, o CAVALO é mais que um animal para a lida, é um companheiro para o gaúcho. Nas gírias populares é chamado de “pingo”, “matungo”, “tordilho”, uma forma afetuosa de se referir ao animal que é parceiro do dia a dia, figura importante para as práticas da cultura gaúcha.



Acervo: Família Consoli.



Dica: Assista ao vídeo para conferir dicas de como jogar! Acesse o QR Code com a câmera do seu celular.



Acervo: Família Consoli.

PRA TI SABER MAIS!

O **Cavalo Crioulo** juntamente com o **Quero Quero**, são reconhecidos como animais-símbolo e patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul (Lei n. 11.826/2002). Além destes o Estado rio-grandense reconhece a Fuschsia regia, popularmente chamada de brinco-de-princesa, como flor-símbolo do Estado (Decreto n. 38.400/1998), a Erva-Mate, Ilex Paraguariensis, como a Árvore símbolo (Lei n. 7.439/1980) e o chimarrão como bebida símbolo (Lei n. 11.929/2003). Que tal pesquisar mais sobre o assunto?

Palavreado

Do gauchês ao português são muitas as palavras utilizadas pelo gaúcho para se expressar. Confira a seguir alguns termos⁴:

- Abagualado – grosseiro, rude, inculto, rústico, abrutalhado, viril
- Ala-pucha-tchê – interjeição de surpresa
- Arreganhado – exibido
- Bah – Interjeição que vale para quase tudo, surpresa, rejeição, aprovação, admiração
- Barbaridade – designa admiração, espanto, surpresa, estupefação
- Bucha – coisa difícil
- Buenas – cumprimento, sinônimo de “Olá, tudo bem”
- Capaz – imagina
- China, Chinoca – mulher campeira
- Chinelear – humilhar
- Campeando – procurando
- Cusco – cachorro
- Despacito – devagar
- Em cima do laço – com pressa, apressado, com pouco tempo
- Entrevero – briga generalizada, ou mistura de alimentos, prato típico
- Fandango – qualquer tipo de baile, festa ou divertimento
- Ginete – aquele que é bom cavaleiro, monta bem, com firmeza e elegância, domador
- Guri – menino
- Guria – menina
- Guaipeca – cão pequeno, sem raça definida, vira-lata.
- Guasca – homem rústico, valente, forte, guapo, grosseiro, rude
- Guaiaca – cinto com bolsos feito de couro usado na pilcha
- Guapo – forte, bonito
- Indiada – vários homens, grupo
- Lomba – ladeira, morro
- Mate – chimarrão
- Matungo – cavalo velho, ruim
- Minuano – vento frio comum nos meses de inverno
- Pago – lugar
- Piá – menino
- Pilcha – indumentária típica do gaúcho e gaúcha
- Pingo – cavalo bom, vistoso, fogoso, bonito e corredor
- Pechada – batida, acidente
- Pila – moeda vigente
- Prenda – mulher
- Peleia – briga, disputa
- Posteiro – empregado, morador da estância que zela pelas cercas e pelo gado, no CTG indica responsável por um setor
- Querência – terra natal
- Rincão – porção de campo rodeado de matos, onde os animais podem pastar em segurança.
- Talagaço – de uma vez só
- Tordilho – pelagem ou cor de pelo de cavalo com fundo branco mesclas de outras cores, grisalho
- Tri – prefixo utilizado para aumentar as coisas
- Vareio – vencer com vantagem
- Vivente – pessoa
- Xirú – aquele que tem pele morena, acaboclado

Existe uma expressão popular muito comum no Sul do país que é **“DORMIR COM AS GALINHAS!”**. Você sabe o que significa? Que tal pesquisar ou tentar elaborar uma frase com essa expressão?

**Bah,
olha só
que tri!**



⁴ Para saber mais acesse a matéria “Aprenda gírias e palavras gaúchas e seus significados”, disponível em <https://redeglobo.globo.com/rpc/estudio-c/extras-estudio-c/noticia/aprenda-girias-e-palavras-gauchas-e-seus-significados.ghtml>.

5. Considerações finais

E que modo melhor haveria para encerrar estes causos sobre a cultura gaúcha, do que pelas palavras de quem vive a tradição, e encontra nela uma forma de compartilhar experiências e ser feliz:

“O CTG é um lugar que a gente preserva os costumes, existe um companheirismo, um respeito, uma camaradagem. Me deixa feliz que parte dos meus filhos participaram do CTG, eles vivenciaram essa cultura. Hoje tenho minha neta que dança e agora está querendo laçar. Então eu vivenciei e estou vendo que se propiciaram frutos. Aqui é fácil de propiciar amizades e de ter o respeito, porque ninguém vive isolado”
(Nelio Elio Goldoni).



“Em São Lourenço do Oeste, cada ano que passa tem mais pessoas aderindo a cultura gaúcha. Os eventos do CTG estão se tornando os maiores eventos do município. No rodeio se reúne em três dias, dez a doze mil pessoas. Na semana farroupilha, numa semana passam mais dez mil pessoas” (Dirceu Paulo Rotta).

“Pra mim a cultura gaúcha, na parte da dança, faz bem pra alma, isso eu passei pra minha filha. Cultivar a cultura gaúcha é levar os princípios, o respeito, a família. Se a gente perder isso não vamos mais ter sentido enquanto sociedade e família”
(Flávia Thaís Leal Batistella).



“Depois que se toma contato com o movimento tradicionalista é uma paixão que se cria. É um vínculo muito forte, com a instituição (CTG) e com o tradicionalismo” (Eduardo Berkenbroch).



“Acredito que o tradicionalismo vem passando e vai passar por muitas reformulações pra se adequar ao mundo, mas os bons valores, bons princípios esses se mantêm e agregam na vida das crianças, adolescentes” (Matheus Togni Spiecker).

“A cultura gaúcha é uma das mais fortes do nosso município, talvez pelo gigantesco nome Amizade sem Fronteiras, pelo tempo que ele existe, pelo amor e carinho que todo mundo cuida desta entidade” (Leila Inês Franz Coelho).



“Os bons costumes dos nossos avós, dos nossos pais, trazer numa região nova e começar isso em São Lourenço do Oeste, eu tiro o chapéu pras pessoas que tiveram a coragem de começar e formar um CTG pra continuar essa tradição” (Gilberto Bordignon).



6. Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. **Lei n. 17.565/2018**. Consolida as Leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina. Disponível em http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565_2018_lei.html. Acesso em 21 Nov. 2022.

BASTOS, Rogerio. **A evolução dos bailes gaúchos**. 2018. Disponível em <http://www.rogeriobastos.com.br/2018/05/a-evolucao-dos-bailes-gauchos-nacos-da.html>. Acesso em 01 Fev. 2022.

BASTOS, Rogerio. A história do tradicionalismo gaúcho organizado. **Caderno Piá 21**. Janeiro 2016. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2021/08/PIA21-2016-01.pdf>. Acesso em 16 Jan. 2023.

CÔRTEZ, J.C. Paixão. **Tradicionalismo Gauchesco – Nascer, Causas e Momentos**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2001.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos índios do oeste catarinense. **Cadernos do CEOM (20 anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina)**, Chapecó, n. 23, p. 265-343, 2006.

FESTIVAL REGIONAL DA CULTURA GAÚCHA. Disponível em <https://www.frcg.com.br/>. Acesso em 09 Fev. 2022.

FOLADOR, João David. **Gaúchos em Santa Catarina e Paraná**. Curitiba: Instituto Memória, 2010.

FOLADOR, João David. **História de São Lourenço do Oeste e do oeste catarinense**. ACISLO: Prefeitura Municipal: São Lourenço do Oeste, 1990.

HERMANN, Éderson; LESSA, Kalu Moraes; KRONBAUER, Nelí Bastezini. **São Lourenço do Oeste em memórias**. São Paulo: CS Eireli EPP, 2018.

HERRERA, Jéssica Thaís; RIGO, Tamara Trentini. Brasil e Biomas. **Caderno Piá 21**. Junho 2020. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-do-Pia-Junho-2020.pdf>. Acesso em 24 Nov. 2022.

HERRERA, Jéssica Thaís; RIGO, Tamara Trentini. Brinquedos do folclore gaúcho. **Caderno Piá 21**. Agosto 2020. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-do-Pia-Agosto-2020.pdf>. Acesso em 24 Nov. 2022.

HERRERA, Jéssica Thaís; RIGO, Tamara Trentini. Danças tradicionais. **Caderno Piá 21**. Fevereiro 2020. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-do-Pia-Fevereiro-2020.pdf>. Acesso em 24 Nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **São Lourenço do Oeste**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/sao-lourenco-do-oeste.html>. Acesso em 24 Nov. 2022.

JACINTO, Roberta R. No dia 24 de abril comemoramos o Dia do Chimarrão. **Caderno Piá 21**. Abril 2019. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-do-Pia-Abril-2019.pdf>. Acesso em 29 Nov. 2022.

LINHA CAMPEIRA. **A origem da semana farroupilha**. Disponível em <https://linhacampeira.com/a-origem-da-semana-farroupilha/>. Acesso em 24 Nov. 2022.

MARTINS, Cleber. **Ser gaúcho não é opção geográfica, é filosofia de vida**. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/NjkwMDE2/>. Acesso em 09 Fev. 2022.

MENDONÇA, Renato. **Pilares da Tradição**. Porto Alegre. Edição independente, 2011.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO/RS. **História do mtg**. Disponível em <http://www.mtg.org.br>. Acesso em 31 Jan. 2022.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO/SC. **O que é o mtg**. Disponível em <https://www.mtgsc.com.br/>. Acesso em 31 Jan. 2022.

PORTAL DAS MISSÕES. **Imagem Boleadeira**. Disponível em <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1369/boleadeira.html>. Acesso em 24 Nov. 2022.

REDAÇÃO ESTÚDIO C. **Aprenda gírias e palavras gaúchas e seus significados**. Disponível em <https://redeglobo.globo.com/rpc/estudio-c/extras-estudio-c/noticia/aprenda-girias-e-palavras-gauchas-e-seus-significados.ghtml>. Acesso em 22 Nov. 2022.

RIGO, Tamara Trentini. A riqueza e diversidade da culinária gaúcha. **Caderno Piá 21**. Janeiro 2019. Disponível em <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-do-Pia-Janeiro-2019.pdf>. Acesso em 29 Nov. 2022.

SANTIAGO, Emerson. **Gaúcho**. Disponível em <https://www.infoescola.com/cultura/gaucha/>. Acesso em 09 Fev. 2022.

CTG PORTEIRA ABERTA. **Estatuto**. São Miguel do Oeste: CTG Porteira Aberta, 1961.

FELDE, Alberto Zum. **El Proceso Histórico del Uruguay**. Montevideo: Arca, 1967. Disponível em <https://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/gaucha.htm>. Acesso em 16 Jan. 2023.

TEIXEIRA, Luis Artur dos Anjos. **Lisa – Ir dormir com as galinhas**. Berlim: Mimimi Edition, 2014.

DEPOIMENTO concedido a Rennã Fedrigo, no dia 09 de fevereiro de 2023, via telefone.

José Carlos Krumenaur

ENTREVISTAS concedidas à Catavento Produção Cultural, nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, no Centro de Tradições Gaúchas Amizade sem Fronteiras.

Claudete Moschen Bordignon

Dirceu Paulo Rotta

Eduardo Berkenbroch

Flávia Thaís Leal Batistella

Gilberto Bordignon

João David Folador

Leila Inês Franz Coelho

Marta Dalla Costa Goldoni

Matheus Togni Spiecker

Nelio Elio Goldoni



**CONHEÇA OS DEMAIS
PRODUTOS DO PROJETO**



**CONHEÇA TAMBÉM
O CANAL DO INSTITUTO
CULTURAL DE SÃO LORENÇO
NO YOUTUBE**

